

EDITORIAL

Cláudio Augusto Carvalho Moura*

Car@ leitor@,

Encerramos 2016 com o lançamento da edição n. 02 do 12º volume da *Texto Digital*. Ao longo deste ano, foram publicados, no total, 20 artigos, 7 criações digitais, 2 entrevistas e 1 metatexto, juntamente com um dossiê especial, *in memoriam*, dedicado ao pesquisador Wilton Azevedo, no qual foram republicados, com a devida autorização, 6 artigos de sua autoria e 1 capítulo em co-autoria.

Para esta edição, foram selecionados 10 artigos e 1 obra digital, visando fomentar sempre as discussões sobre os mais variados aspectos das relações estabelecidas entre os meios digitais e a produção textual dentro sua ampla gama de possibilidades semióticas.

O primeiro artigo, *Muchas anotaciones son posibles: tiempos de lectura y tiempos de escritura en digital*, de Amelia Sanz, apresenta a ferramenta de anotações digitais @note, e é precedido por uma discussão e contextualização histórica acerca das funções cognitivas, intelectuais e culturais das anotações e os tipos de ferramentas destinadas a esse fim concebidas ao longo da história ocidental. Nessa perspectiva, o artigo traz à tona o debate sobre a relação e influência do caráter temporal nas atividades de escrita e leitura.

Em *Uma leitura de “Liberdade”, ambiente poético em 3D: questões de navegação, interpretação e configuração*, Maíra Borges Wiese discorre sobre os desafios da recepção da obra digital *Liberdade* (2014), centrando-se especialmente na operacionalidade e interpretação da obra e na imersão que ela proporciona.

Em seguida, Otávio Guimarães Tavares, no artigo *Do teatro ao digital: uma ontologia a partir de Roman Ingarden*, faz um paralelo entre a ontologia da peça

* Universidade Federal do Piauí, Brasil. E-mail: ca.carvalho@ufpi.edu.br



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional.

teatral, de Roman Ingarden, e uma possível ontologia da obra digital. A partir daí, o autor aponta semelhanças entre o *modus operandi* de ambos os tipos de obra, propondo a filosofia ingardeniana como instrumento analítico da arte contemporânea, em especial a arte digital.

Por sua vez, o artigo intitulado *Uso de anotaciones Web como apoyo a la expresión escrita en el aprendizaje de lenguas extranjeras*, de autoria de Felix Buendia, Asunción Jaime e Cristina Pérez Guillot, é dedicado ao uso educacional de ferramentas de anotações digitais online. Partindo da análise da ferramenta *Hypothes.is*, os autores lançam mão de uma série de recomendações para o melhor aproveitamento das anotações como suporte para a aprendizagem da habilidade de escrita em línguas estrangeiras.

André Luiz França Batista, Bruno dos Santos Simões e Taíse Ceolin são responsáveis por *Aspectos sobre o uso do meio digital na qualidade de protagonista na produção de conhecimento*, texto que aborda as contribuições da internet no que concerne à gestão e construção do conhecimento, com uma reflexão acerca do controle das empresas privadas sobre o acesso à informação e seus usos e a proposição de alternativas que permitem aos usuários quebrar esse ciclo, de modo a garantir o acesso livre, de fato.

Com o trabalho *La situación de la anotación en las redes sociales del libro en Internet (2007-2014)*, Marc Jahjah coloca em pauta a questão da *marginalia* nas redes sociais de leitura. Para isso, apresenta e discute a rede social *BookGlutton*, a partir de seu diferencial quando comparada a outras semelhantes: a possibilidade de os leitores fazerem anotações nas obras no decorrer da leitura.

Pierre Menard vai à web: notas sobre a escrita não-criativa na contemporaneidade aborda as práticas de apropriação e colagem disseminadas no ambiente da internet. No artigo em questão, Sayonara Amaral de Oliveira analisa as propostas estéticas dos sítios *poesia do google* e *MixLit – o DJ da literatura* –, trazendo uma interessante reflexão acerca dos conceitos tradicionais de autoria e criação, a partir de seu confronto com o contexto do campo estético-cultural contemporâneo, marcado pela presença do digital.

Louis Wiarth assina o oitavo artigo, *Críticas de lectores en las redes sociales literarias francófonas: ¿hacia una polarización de la prescripción?*, no qual discorre

sobre o impacto das redes sociais de livros sobre a produção, distribuição e avaliação da informação literária.

O penúltimo artigo, intitulado *A literatura infantil em diálogo com as mídias digitais: análise do site educativo “O pequeno leitor”*, de autoria de Erika Silva e Eliane Santana Dias Debus, discute os materiais de literatura infantil disponíveis *online*, a partir de uma análise diagnóstica de aspectos da literariedade mediante as capacidades desse ambiente.

Por fim, Anderson Guerreiro apresenta *Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos*, artigo no qual, por meio da Teoria da Semiótica Social Multimodal (TSSM) e da Gramática do Design Visual (GDV), realiza uma análise do gênero digital *meme*.

Como temos feito em outras edições, nesta também oferecemos ao leitor o acesso a uma obra digital. Desta vez, compartilhamos, com grande satisfação, *O livro das pequenas coisas*, concebido por Alckmar Santos, Chico Marinho e Lucas Junqueira. Disponível gratuitamente online, a obra foi produzida durante o VI Simpósio Internacional e VIII Simpósio Nacional de Literatura e Informática, realizado na Universidade de Passo Fundo – RS, entre os dias 9 e 11 de novembro de 2016, a partir da oficina “Criação poética digital”, ministrada pelo coletivo formado pelo NuPILL (UFSC), 1maginári0: poéticas computacionais (UFMG) e o Ateliê Ciclope. De acordo com seus autores, o livro-obra “é organizado como a planta de uma casa onde alguns objetos foram escolhidos e colocado dentro de cada cômodo. A partir de uma interface web [disponibilizada no sítio que a hospeda], tanto os participantes da oficina quanto quaisquer outros interessados puderam – e ainda podem – contribuir com criações verbais curtas (haicais, microcontos, epigramas, etc.) relacionados com esses objetos. Essas criações são, então, alocadas automaticamente pelo aplicativo desenvolvido para o trabalho, na interface de leitura, ‘dentro’ dos cômodos onde normalmente são vistos” (2016). Trata-se, nesse sentido, de uma obra pragmaticamente receptiva em seu *core*, de autoria coletiva, além de constantemente aberta à colaboração e que explora, dada a natureza multissemiótica do meio digital – enquanto também artefato tecnológico – a fronteira do que é normalmente tomado como literário.

Desejamos a tod@s uma ótima leitura!